



SOBRE A LUZ DA SOCIOLOGIA DO TURISMO: ANÁLISE DAS IDEIAS DE KRIPPENDORF AO CONTEXTO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA ILHA MEM DE SÁ

Estefanni Patricia Santos Silva¹
Janaina Cardoso de Mello²

RESUMO

Com o propósito de abordar as ideias do economista suíço Jost Krippendorf apresentadas na obra “Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens” (2009), cujo autor foi um dos primeiros intelectuais a criticar o turismo de massa e a apontar seus impactos, o artigo busca compreender a relação entre os conceitos de Turismo Rural e Turismo de Base Comunitária (TBC) embasado no olhar da sociologia do turismo. Diante das perspectivas que são presentes nos cotidianos analisados nas literaturas e em comparação ao estudo de caso do TBC na Ilha Mem de Sá, situada no município de Itaporanga D’Ajuda, estado de Sergipe, busca-se analisar que o fenômeno turístico desperta cada vez mais interesse social, e, por consequência, causa impacto nos indivíduos que se deslocam, provoca mudanças no comportamento das pessoas, nos orçamentos, além de adicionar conhecimentos àqueles que o escolhem. É considerada a relação social de proveito e a boa convivência entre visitantes e visitados que o TBC em espaços rurais promove, enquanto uma proposta que vêm aumentando o público em Sergipe, e o quanto é importante o fomento da valorização cultural e do respeito às diferenças na cadeia turística que trabalha diretamente com a receptividade. A pesquisa desenvolvida enquadra-se em um estudo analítico, utiliza como fontes dados primários, secundários e observação in loco.

Palavras-chave: Sociologia. Turismo. Atrativo.

¹ Mestranda em Turismo pelo Instituto Federal de Sergipe (IFS). estefanni.p@gmail.com

² Doutora em História Social (UFRJ), Mestranda em Turismo pelo Instituto Federal de Sergipe (IFS), Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS). janainamello.ufs@gmail.com

INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade que tem inúmero potencial para efetivar a melhoria das condições de vida de uma comunidade (MIELKE, 2009, p. 49).

De tal forma Coriolano (2003, p.164) menciona que o turismo e o desenvolvimento acontecem em escalas locais e globais. Há que se identificar as tônicas e abordagens dadas ao processo de desenvolvimento e ao desenvolvimento do turismo nos diferentes lugares.

A respeito da historicidade que permeia a ideia do turismo, os autores Goeldner & Ritchie citam que a viagem entendida como um sedimento do nomadismo arcaico é uma prática documentada ao longo de toda a história ocidental, com registros que remontam às civilizações pré-clássicas do Médio Oriente. Tudo indica que os monumentos como as pirâmides, esfinges do Império Antigo egípcio terão atraído viajantes, mas o mais antigo testemunho explícito parece ser o relevo do templo Deir el-Bahri, em Luxor, com a representação da viagem da rainha Hatshepsut à terra de Punt, em 1480 a.C. A epopeia de Gilgamesh, poema acádio cuja primeira versão data da época paleobabilônica, no primeiro terço do II milênio a.C., além de ser considerada a mais antiga narrativa conhecida, é também referida como o primeiro guia de viagens (2003, p. 45).

Krippendorf (2009) analisa essa relação social, estabelecendo uma ponte com a temática contemporânea, que as cidades modernas com todo a sua peculiaridade e todo o seu “concreto”, se não reproduz o ambiente de trabalho, oferece muito pouco de espaço para que o trabalhador entre em contato com ele mesmo e com isso possa voltar as suas tarefas rotineiras mais disposto. Nesse aspecto, citamos a ideia do TBC enquanto um diálogo social do turismo que promove o encontro do homem com ele mesmo por meio das experiências promovidas, nessa caso, pela ruralidade.

Conforme Burgos e Mertens (2015, p.58) o discurso oficial sobre o Turismo de Base Comunitária (TBC) enfatiza a organização e participação dos atores locais assumindo um papel ativo no planejamento e gestão da atividade turística, buscando o bem-estar e a geração de benefícios para seus membros. Sob esse aspecto,

a gestão participativa é entendida aqui como processo e instrumento dinamizador resultante do engajamento de indivíduos em ações coletivas, onde diferentes atores sociais viabilizam um projeto,

procurando um objetivo comum, mas mantendo as particularidades de seus lineamentos de ação e interesses pessoais (Idem, ibidem).

O TBC revela-se como uma alternativa ao turismo massificado, com menor densidade de infraestrutura e serviços, valorizando a vinculação aos ambientes naturais e à cultura de cada lugar. Não se trata, apenas, de percorrer rotas exóticas, distintas do turismo de massa. Personifica outro modo de visita e hospitalidade, diferenciado em relação ao turismo massificado, ainda que coincida com um mesmo destino (BARTHOLO et al, 2009). De acordo com o MTUR:

Turismo comunitário é a atividade turística que apresenta gestão coletiva, transparência no uso e na destinação dos recursos, e na qual a principal atração turística é o modo de vida da população local. Nesse tipo de turismo a comunidade é proprietária dos empreendimentos turísticos e há a preocupação em minimizar o impacto ambiental e fortalecer ações de conservação da natureza (2010, p.16).

O Turismo de base Comunitária (TBC) é um modelo de planejamento e gestão que pode ocasionar benefícios positivos para as comunidades receptoras, uma vez que reduz os impactos socioambientais negativos e se configura como uma alternativa de renda que pode originar a melhoria das condições de vida locais (FAXINA, GONÇALVES, SOUZA, 2016, 1745).

O Turismo é um fenômeno social que tem crescido consideravelmente não só na realidade brasileira quanto em outros países situados em diversificados continentes. Para a economia dos locais onde há atividades turísticas o desenvolvimento é perceptível. A lucratividade, a divulgação dos lugares, a busca por informações sobre o destino, o quantitativo de visitantes entre outras.

Diante do exposto, nota-se a importância do investimento no espaço turístico, o quanto é necessário efetivar uma organização no processo de planejamento, organização e envolvimento com o público que no local reside para que haja uma perspectiva de sucesso no investimento buscando estabelecimento de acordos que favoreçam aos que no local estejam presentes, aos investidores e principalmente as limitações do espaço geográfico em questão.

O turismo vai muito além da via monetária. E essa visão tem prejudicado, porque não, o processo de construção do planejamento turístico integrado quando ao construir com outras áreas é apresentada a vastidão de interesses que o plano

proporciona. Portanto, o papel de sensibilização às partes envolvidas ao planejamento, dialogar com a comunidade, por exemplo, que o museu no contexto do turismo traz benefícios além do econômico, torna-se parte do processo de planejamento com essencial importância.

Assim, compreender o turismo de base comunitária enquanto uma atividade que necessita, por parte das comunidades, de alguns fatores precedentes para que sejam fortalecidos, ou seja, ações que giram em torno da existência de coesão social, elementos e objetivos comuns, [...] coletividade, reconhecimento da necessidade de ter planejamento, monitoramento de ações constantes e percepção dos potenciais impactos que o turismo provoca (FERREIRA, 2015, p. 86).

Desse modo, vale ressaltar a ideia de Krippendorf (2009) que menciona o fenômeno turístico enquanto uma oportunidade que proporciona o descanso, o conhecimento de outros espaços, e assim, investimentos por parte de quem compra a ideia e lucratividade ao vendedor da proposta.

1. TURISMO RURAL: ANÁLISE E PERSPECTIVA

Dessa forma, observar as exigências e opções elencadas pelo público turista aos ambientes receptivos torna-se uma necessidade frente ao mercado diante da competitividade. O autor ao abordar o modelo de turismo de massa, menciona que muitas pessoas, todas juntas fazem as mesmas coisas, buscam ir para os mesmos lugares. As atividades nas quais os turistas se envolvem são desenvolvidas em grandes hotéis alocados em ambientes paradisíacos (KRIPPENDORF, 2009). Nesse caso, o Turismo Rural, aqui sugerimos, enquanto uma proposta que justamente dialogará com novos roteiros, descobertas e assim deleite.

Weissbach (2011, p 9-10) aborda que na atualidade, quando as atividades de lazer se exibem cada vez mais como componentes necessários à vida humana devido à liberação do tempo, o setor de serviços ligado ao turismo e às viagens surge como um dos diferenciais na promoção econômica e social dos lugares, seja na configuração de geração de renda, de empregos, da diversificação das atividades produtivas, assim também como uma maneira de melhor coordenar o território em razão de um aproveitamento mais lógico do mesmo.

Nesse aspecto, observar as características do Turismo Rural e a sua essência sempre será uma necessidade para se recapitular os seus objetivos, uma vez que o turismo de massa atinge um grande público e esse mesmo grupo ao vivenciar o Turismo Rural faz sugestões que não atendem aos seus princípios. Na maior parte dos casos, isso parte do desconhecimento do próprio público que o busca.

De tal maneira, afirmam os autores Almeida e Riedl (2000, p.11) sobre parâmetros do Turismo Rural. Abordam que a exploração deve ter o caráter de complementaridade, isto é, a atividade não deve ser abandonada. O turista aprecia participar ativa ou passivamente do trabalho na agricultura e adora saber que a maioria dos produtos consumidos nas refeições provém do estabelecimento frequentado. Além disso, a vida rural em muitos contextos costuma ainda preservar algumas características típicas de uma subcultura, cada vez mais interpenetrada pela cultura urbana predominante. O público visitante em diversas vezes procura o meio rural para resgatar vivências, os quais, portanto, precisam ser resguardados e valorizados.

Sobre as características e as perspectivas que surgem no imaginário do turista sobre o ambiente rural, o autor Weissbach apresenta:

Mesmo prevalecendo uma tendência de urbanização do campo, ou simplesmente, a revitalização do espaço rural, as pessoas ainda veem o rural como um espaço que se contrapõe ao urbano, onde existe a possibilidade de desfrutar de um lazer com suposta qualidade ambiental. Dessa maneira, surgem várias ofertas de atividades de lazer no espaço rural, entre elas o turismo (2011, p. 37).

Ou seja, a ideia é que o turista rural se envolva em atividades como cavalgada, oficinas de doces, agroturismo, pesque-pague entre inúmeras possibilidades que os espaços dessa tipologia proporcionam. As possibilidades de interação com os diferenciais que cada ruralidade possui são diversas e o propósito é que justamente haja o intercâmbio entre público visitante e comunidade receptora dentro de um processo de sinergia que agrade ambos os interesses.

No entanto, foram criados estereótipos quanto ao ambiente e na busca por essas características rústicas, com grande diferenciação da área urbana, torna-se algo almejado no processo de roteirização ao Turismo Rural. Como destaca Weissbach (2011, p.13) a ascensão da ruralidade no imaginário nacional (tanto

econômico quanto social) é expressa por meio de manifestações culturais como a música, sobretudo pela chamada música “sertaneja”. O agronegócio e seus resultados apresentam o rural como um importante setor econômico para o país.

Nesse sentido, o turismo de experiência passa a ser visualizado e investido ainda mais nos setores rurais uma vez que é visualizado as potências que o ambiente favorece ao turista em vivenciar novos roteiros dentro do contexto rural com as suas peculiaridades.

Weissbach (2011, p.14) defende que esta nova ruralidade destaca o produtor familiar, ou seja, o representante de um foco para a diversificação da economia rural, já que o agronegócio depende em parte do mercado externo e fica submisso às flutuações dos preços internacionais. Desse modo, são criadas novas estratégias de ambientes de trabalhos, são visualizados novas maneiras de arrecadação diante dos investimentos que o turismo proporciona.

Ao mesmo tempo, desafios são propostos como a de adequar o espaço rural à demanda turística. A exemplo os serviços de bebidas e alimentos, hospedagem, acessibilidade, ou seja, adequação do local para as necessidades apresentadas. Em razão disso, fica sendo pensado que ao mesmo tempo em que há a adaptação também se faz necessário não perder a essência e assim unir as duas situações para o desenvolvimento do turismo nas localidades rurais.

Nesse aspecto, assim elenca Almeida e Riedl:

Contudo, há outros aspectos da ocupação da força de trabalho que são afetados pelo turismo no meio rural. De um lado, o turismo pode estimular a produção de produtos alimentícios para os turistas ou para o comércio local. Por outro lado, a agricultura, em vez de ser estimulada e alavancada pelo turismo, pode acabar substituída por outras atividades mais rentáveis, perdendo a competição em termos de trabalho e terra, especialmente em regiões geográficas desfavoráveis (2010, p.34).

Diante dessa preocupação, os autores abordam situações desfavoráveis que podem ocorrer por conta das ações do turismo. Se faz necessário que as atividades em consonância ao Turismo Rural sejam integrantes à atividade agrícola do ambiente. Pensando na ocorrência da sazonalidade da atividade agrícola, e a depender da estação do ano, o quantitativo de turistas pode obter variações devido aos atributos climáticas de cada região. De tal forma, há a precisão de administrar

as duas atividades, prevenindo a frustração de esperanças que não possam ser conseguidas com o Turismo Rural (ALMEIDA E RIEDL, 2010, p. 36).

Contudo, a busca pela proteção do ambiente deverá ser sempre prioridade, uma vez que é por meio dele que se estabelece tanto o turismo, mas, principalmente, a própria sobrevivência. Afinal, a atividade turística no meio rural deve ter como objetivo a sustentabilidade, que provoca saber gerenciar os lugares, os recursos e as comunidades receptoras, com o objetivo de atender às precisões econômicas e sociais, dentro do ideal de preservação da integridade cultural, ecológica e ambiental, para que possibilite ser duradoura para que as próximas gerações possam desfrutá-la.

Krippendorf (2009) defende que o turista é mais exigente para com a sua atividade de lazer mais voltada a oportunidade de vivências aos valores não materiais. Elenca de tal modo valores como saúde, meio ambiente, natureza, saber e educação. Atrativos, assim sendo vistos, com muita presença no Turismo Rural.

Durante a gênese do Turismo Rural, esse surgiu como uma opção de acréscimo de renda para as propriedades rurais. Ou seja, é uma atividade complementar a uma outra prioritária que já esteja em desenvolvimento. Normalmente esses espaços têm produções agrícolas, agropecuárias, artesanais e junto a esses é agregado o turismo como atividade econômica para a comunidade.

Segundo Weissbach (2011, p.39) se, antes, o espaço rural era considerado apenas como o provedor de alimentos e matérias-primas para os moradores da cidade, hoje também possui uma representatividade, bem como, uma alternativa para se vivenciar ocasiões de lazer, ocupando o tempo livre com diversão. Menciona que a aversão ao urbano faz do rural sinônimo de vida benéfica, proximidade da natureza e, além disso, a relação com o paraíso pouco explorado ou com o ideal idílico.

Segundo Weissbach a respeito de um processo histórico de apropriação do termo:

Com um campo de atuação em pleno crescimento, o turismo já foi taxado como tábua de salvação para muitas economias em dificuldades. Os seus efeitos multiplicadores e seus benefícios econômicos, culturais e psicofísicos (descanso físico e mental), servem de subsídio para que novas tentativas sejam realizadas na sua exploração e implementação (2011, p. 70).

Dentro dessa temática entra os desafios elencados ao investimento no turismo rural. Os autores Almeida e Riedl menciona que as iniciativas de Turismo

Rural com maior probabilidade de sucesso são aquelas que envolvem a comunidade regional em todas as fases do empreendimento, desde seu planejamento até a sua implantação e posterior exploração. Iniciativas isoladas ou individuais dependem demasiadamente de características locais específicas. Além disso, os responsáveis pela condução do empreendimento turístico precisam ser conhecedores da história, da cultura, das tradições, da culinária e das atrações naturais da região em que estão inseridos. O turista normalmente é extremamente curioso e questionador (2000, p.10).

Com isso, os autores Almeida e Riedl abordam que a clientela do Turismo Rural, em sua maioria, provém dos grandes centros urbanos e procuram no campo uma interação mais intensa e direta com a natureza, a qual precisa ser preservada; a originalidade e a simplicidade da vida rural constituem uma marca que a distingue. Quanto menor a artificialização da propriedade rural que se abre ao turismo, melhor (2000, p. 10).

Sobre os dados do autor, vale ressaltar que na década de 1990 houve um crescente número de pessoas em busca pela ruralidade, ou seja, para a experiência no Turismo rural diante de argumentos como a procura por ambientes mais calmos, uma vez que muitos deles estão nos centros urbanos, em contato com poluição sonora e arquiteturas de pedra e cal. Nesse período, de acordo com Weissbach (2011, p. 36) abandona-se a ideia do rural como exclusivamente um mundo agrícola. Ou seja, o espaço rural amplia a sua expectativa de emprego e geração de renda. Em razão disso, há uma valorização de bens não-tangíveis como a paisagem e o lazer, oportunizando novas formas de ocupação e obtenção de rendimentos ao trabalhador rural.

Ao optarem por essa modalidade, escolhem experimentar os diferenciais dos espaços verdes, a culinária, apreciar a produção artesanal, e principalmente, um local tranquilo e que cause deleite.

2. APONTAMENTOS SOBRE O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC) E O PROTAGONISMO QUE O MODELO DE GESTÃO OFERTA

Entende-se como TBC o segmento desenvolvido pelos moradores de uma localidade, em que aperfeiçoam suas atividades para atender visitantes,

favorecendo àqueles com novas experiências sem descaracterizar o modo de vida e cultura local. Os serviços e produtos que são ofertados pelos habitantes da localidade em sintonia com o desenvolvimento econômico, onde possuem o controle efetivo, são caracterizados por Turismo de Base Comunitária (MIELKE, 2009, p. 21).

Sobre esse aspecto ressalta o autor Weissbach que o turismo é uma atividade em que os resultados não se apresentam imediatamente. Assim, se faz necessários alguns anos para que o investimento geral em estabelecimentos, infraestrutura, atrativos, entre outros, venha proporcionar os ganhos financeiros resultantes deste investimento inicial, além do que, a atividade é suscetível a insucessos quando não planejada ou planejada de modo não condizente. (2011, p. 49).

Baseado neste conceito de TBC, tem-se a ideia de desenvolvimento sustentável onde a própria comunidade se envolve solidariamente apresentando aos visitantes o patrimônio como atração e promovendo a interculturalidade (MIELKE, 2009, p.27).

Desse modo, Krippendorf (2009) apresenta que essa ideia de humanização do turismo não consiste em benefícios somente ao público turista. Ela se alonga e abarca a comunidade. Assim, faz-se necessário que um planejamento bem estruturado intensifique os impactos positivos e diminuam os negativos englobando a cadeia produtiva, onde toda a renda angariada pela atividade turística permaneça na comunidade como forma de parceria e cooperação. Essa visão empreendedora traz consigo a valorização das práticas exercidas, tornando-os capazes de projetar o próprio futuro e uma maior inclusão da sociedade, respeitando o ambiente em que vivem.

Importante frisar que uma iniciativa de TBC não corre em curto prazo e necessita sim de um tempo mais duradouro para sua concepção. Equívoco é pensar que consegue-se mapear, se apresentar, sensibilizar entre outras atividades, para uma comunidades em curto prazo. Nesse processo, deve-se orientá-los nos procedimentos de como lidar com as situações-problemas além de adaptá-los para as oportunidades diante da apresentação dos seus potenciais. Isto diz respeito a Governança Interna, aos líderes da comunidade, que em comum acordo auxiliarão no desenvolvimento de uma entrada democrático e com construções de ideias em conjunto. Afinal, os protagonistas são os membros das comunidades e eles quem dirão se querem o TBC e como vão administrar as atividades optadas.

O Turismo de Base Comunitária envolve o segmento cultural e as vivências sociais, tendo como característica a transformação em favor da comunidade local, num processo de reorganização em suas condutas. Para isso, Projetos de Turismo Sustentáveis poderiam ser implementados de forma continuada pelos governos e órgãos de fomento do turismo, legitimando os verdadeiros protagonistas: a comunidade.

As atividades turísticas em meio ao TBC surgem também com o intuito de poder vir a ser um instrumento direto para a conservação de biodiversidade. Os ambientes costumam ser ricos em fauna, flora e o planejamento turístico busca evidenciar o prazer em conviver com esses espaços verdes e fomentar que haja a preservação do meio ambiente (MIELKE, 2009, p. 139).

A respeito da visão de mercado financeiro, o TBC não é diferente de atividades com fins lucrativos. Dessa forma, percebe-se que em um planejamento nas comunidades alguma coisa se vende e se comercializa oportunizando, de tal forma, os objetivos em questão. Vale ressaltar, que esse processo de troca deve ser realizado com cuidados ambientais para não descaracterizar, ou mesmo, causar a perda da identidade das culturas locais e das características de sua biodiversidade. Referenda-se o autor Fabrino que defende:

Parte-se da premissa que os atores sociais participam de todas as etapas de planejamento e implementação dos projetos. Os atores externos funcionam como indutores do processo, atuando a partir de motivações endógenas. O apoio externo tem se mostrado fundamental no desenvolvimento do TBC, que depende da orientação efetiva de entidades especializadas, como universidades e ONGs. (2013, p.24).

Indica-se que seja empreendido um quantitativo de lucro que seja proporcional ao gerenciamento da conservação e desenvolvimento dos propósitos dos envolvidos no projeto TBC na localidade para que respeite os princípios básicos e também proporcione renda aos participantes do investimento. Que a busca pelo equilíbrio seja uma meta.

2.1 ILHA MEM DE SÁ: TBC E PARTICULARIDADES

A comunidade Mem de Sá que está situada numa ilha fluvial no estuário do rio Vaza-Barris, (demarcada à 11°29'26"S e 06°46"W), localizada a 23 Km da sede do município de Itaporanga D' Ajuda, e 53 Km de Aracaju, capital do estado de Sergipe. A povoação da ilha originou-se de três famílias estabelecidas ao longo do tempo em íntima relação com o meio ambiente caracterizado pelos ecossistemas de restinga e mangue, fazendo da pesca a principal atividade econômica, além dos destaques ao cultivo da mandioca e do aproveitamento do coco (EMBRAPA, 2007).

Situa-se no Polo turístico Costa dos Coqueirais, possui em média 100 famílias atualmente. O local é cercado por manguezal e banhado pelo rio Vaza-Barris. As pessoas do local, muitas, sobrevivem da pesca, do artesanato e do comércio local. Há pescadores que vedem seus peixes frescos, aratus, recém pescados à visitantes e moradores próximos.

Como citam Faxina, Gonçalves e Santos (2016, 1739) para chegar na Ilha, normalmente, por meio de barcos de pequeno porte conduzidos por barqueiros da comunidade, saindo do Porto dos Caibros, situado em Itaporanga D'Ajuda. Esta travessia leva aproximadamente dez minutos. Mas também existe a possibilidade de se chegar por embarcações maiores, lanchas e até mesmo com os pequenos barcos pela Orla Por do Sol, situada em Aracaju, estado de Sergipe. O percurso por catamarãs e barcos pequenos pode durar quarenta minutos.

A comunidade possui, enquanto um gerador de renda, a interação com a natureza. A extração desses recursos naturais constitui a base de sua economia, sendo as espécies que melhor representam os manguezais da Ilha, beneficiando a comunidade que utiliza estes recursos para o consumo e/ou comercialização dos crustáceos como também explorando como iguaria gastronômica turística local (RIBEIRO; ANDRADE; BRAGHINI, 2014).

O pólo foi contemplado em ação do governo federal por meio do PRODETUR/NE II com um Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) e é formado por municípios localizados na parte litorânea do Baixo São Francisco, no Leste Sergipano, na Grande Aracaju e no Sul Sergipano. (SILVA, FREITAS, 2017).

O ambiente é administrado pela Prefeitura municipal de Itaporanga D'Ajuda, contém líderes comunitários, a exemplo de gestores locais que se integram por meio de projetos e gerenciam o ambiente. A líder comunitária é professora do local e

dialoga constantemente com os moradores com o intuito de sensibilizar as pessoas locais às ações do turismo.

O local contém um colégio, um atracadouro, restaurantes, pousada, as pessoas costumam se locomover mais por meio de bicicletas e barcos, não há hospital. Alguns trabalham na sede do município e também vão para lá estudar. Por meio das verbas do PRODETUR, o Estado de Sergipe anunciou que irá construir um atracadouro na região, que abrangerá uma área de 462m², será composta por calçamento, paisagismo e quiosques de sombra. (SILVA, FREITAS, 2017).

Diante do conjunto das relações ambientais, no que tange a sua caracterização ecológica, o ambiente é um local de preservação dos aratus, família do caranguejo, bem como de diversificados peixes. A pesca no local é muito frequente e as construções desenfreadas no local estão modificando a paisagem. Muitas pessoas descobriram o lugar e até mesmo a comunidade está tentando gerenciar essa quantidade de novidades, ou seja, novas pessoas, novos costumes e mudanças paisagísticas. Por isso, faz-se necessário o reforço à explanação do conteúdo sobre a educação ambiental no espaço aos moradores e visitantes, para que a ecologia presente seja policiada em sua preservação.

Sobre as características sociais, as casas são bem próximas, poucas tem muros entre elas, mas, na maioria, só cercadas de arames mesmo. Todos se conhecem, quando chegam visitantes os guiam e costumam sempre indicar o almoço no restaurante e os passeios de barco. As crianças do ensino infantil ao fundamental maior possuem um colégio que as atendem na ilha. Do ensino médio ao superior, os moradores precisam sair do local para poder estudar. (SILVA, FREITAS, 2017).

A respeito do seu setor econômico, as pessoas do local, muitas, sobrevivem da pesca, do artesanato e do comércio local. Há pescadores que vedem seus peixes frescos, aratus, ou seja, recém-pescados a visitantes e moradores próximos. Isso já se tornou uma prática econômica na ilha. Existe uma pousada que já possui passeios de barco incluso, bem como, o almoço em restaurante ou em casas de moradores. São servidas comidas bem regionais, em quantidades satisfatórias, que tem agradado ao público que o visita. Essas são as práticas mais comuns econômicas do lugar.

Com relação aos seus aspectos culturais, dentro dessa discussão, há rodas de danças folclóricas de senhoras da comunidade, costumam se vestir à caráter e

chama muito a atenção dos que ao espaço visitam. As danças são ocasionais e não frequentes. A culinária do local é um forte. São servidas moquecas e variados tipos de peixes. Além disso, há senhoras que catam aratus e ficam sentadas nas portas conversando sobre suas memórias com as pessoas que se aproximam.

Destrinchando a área, sobre o conjunto das ações operacionais oferta turística, o local oferece turismo de lazer. As pessoas são convidadas a fazerem passeios de barcos, a desbravarem manguezais e vazantes do rio, tendo o roteiro de ir até a orla pôr do sol, situada na capital Aracaju, podendo prosseguir até ao oceano atlântico. No entanto, explora-se mais o contato com o cotidiano dos moradores, a experiência de visitar um local com casas de poucos muros e mais acolhimento, de conversar com as pessoas e observar os seus aratus, peixes, artesanato e diversidade ambiental.

Sobre uma experiência como essa, o autor Krippendorf (2009), cita que essa tese da humanização trata de um turismo mais harmonioso entre as pessoas. Mais adequado para quem recebe e, dessa maneira, para aquele que está desbravando o local. Para organizar essa atuação em acordo com os interesses dos envolvidos durante a proposta do planejamento turístico, deve-se preocupar-se com a promoção da descentralização, limites de fluxo, valorização regional tanto de produtos bem como aos serviços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

Diante do exposto, justifica-se a importância do investimento no Turismo Rural. Mais vantagens existem e os benefícios atingem tanto quem visita quanto quem recebe. No entanto, para que haja sucesso em projetos vindouros faz-se necessário o diálogo entre as partes para que seja observado o que se busca pelo grupo que compra a ideia em passar o seu tempo de lazer no destino quanto é salutar priorizar os anseios da comunidade perante a ideia dos limites que eles buscam oferecer.

Nota-se que o diálogo da obra Sociologia do Turismo de Krippendorf consegue estabelecer uma conexão com as propostas do TBC, sendo que priorizam a ideia do “humanismo” no turismo, o qual proporciona não somente a

empregabilidade dos próprios moradores quanto ao desenvolvimento nos setores básicos à comunidade.

No turismo comunitário, a ideia é que cada membro e morador tenha a oportunidade de colaborar e auxiliar em conjunto nas decisões no processo de planejamento e execução das ações do turismo na localidade, permitindo, desse modo, o desenvolvimento de uma atividade mais igualitária, equilibrada e sustentável. A proposta é que haja a busca por vivências do cotidiano ao invés de roteiros que privilegiem a estruturação de grandes resorts na localidade ou restaurantes de luxo.

O Objetivo do TBC é justamente que haja o contato entre o público turista, ou seja, aqueles que visitam uma determinada comunidade, com a cultura e os hábitos de vida de cada morador, se hospedar na casa de familiares que residem no local, conhecer as danças, cantigas, as manifestações folclóricas, histórias contadas pelos moradores, participar das atividades do cotidiano da comunidade, conhecer as trajetórias que a comunidade vivenciou, aprender o ofício das pescarias caso o local seja ribeirinho ou mesmo a produção de artesanato com os artesãos, a exemplo.

No turismo de base comunitária (TBC), uma vez adotado como metodologia de trabalho na comunidade, esse possui como alvo a melhoria das condições de vida dos moradores locais que elegem esta ação como uma das táticas não somente econômica quanto social. Com isso, percebe-se que o TBC ultrapassa a dimensão monetária. Torna-se uma atividade que consegue envolver o bem-estar dos moradores, a valorização das suas riquezas memorialísticas, artesanais entre outras peculiaridades que são desenvolvidas por eles e expostas aos visitantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru: EDUSC, 2000.

BARTHOLO et al (Orgs.) **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. Disponível em: <http://www.ivt-rj.net/ivt/bibli/Livro%20TBC.pdf>, Acesso em: 14 Jan. 2018.

BURGOS, A.; MERTENS, F. Os desafios do turismo no contexto da sustentabilidade: as contribuições do turismo de base comunitária. **Revista do Turismo y Patrimônio Cultural**. Vol. 13, no 1. pp. 57-71. 2015. Disponível em

file:///C:/Users/100-6110/Downloads/texto%201%20TBC.pdf, Acesso em: 15 Jan. 2017.

CORIOLOANO, L.N.M.T. O turismo comunitário no Nordeste brasileiro. In: BARTHOLO, R.; SANSELO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

_____. (2003). Os limites do desenvolvimento e do turismo. In: **Passos Revista de Turismo e Patrimônio Cultural**, Espanha, v. 1, n. 2, p.161-171.

EMBRAPA TABULEIROS COSTEIROS. **Gestão Participativa para o Desenvolvimento da Comunidade Mem de Sá - Itaporanga D'Ajuda/SE**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2007.

FABRINO, N. H. **Turismo de base comunitária: dos conceitos às práticas e das práticas aos conceitos**. 2013, 185 p. Dissertação (Mestrado, Centro de Desenvolvimento Sustentável) Universidade de Brasília, DF.2013.

FAXINA, F; GONÇALVES, L. C.; SANTOS, D. K. Conferencia de la tierra – paisajes, suelos y biodiversidad: desafíos para un buen vivir. Giovanni Seabra (Org.). **Do mangue à alta gastronomia: uma proposta de roteiro turístico na Ilha Mem de Sá, Sergipe, Brasil**. Santiago de Chile: Universidad Central, 2016. 1746 p.

FERREIRA, P.T.A. **Do passado que insiste em persistir: conflitos e possibilidades para um desenvolvimento do turismo de base comunitária na Vila de Barra do Una em Peruíbe (SP)**. 2015. 199 f. Dissertação (Mestrado em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-29072015-141146/pt-br.php>>. Acesso em 10 fev. 2018.

GOELDNER, C. R., & RITCHIE, J. R. B. (2003). **Tourism principles, practices, philosophies** (9th ed.). Hoboken, N.J.: Wiley. Retrieved from <https://archive.org/stream/TourismPrinciplesPracticesAndPhilosophies/TourismConceptPrinciplesPractices#page/n5/mode/1up>. Acesso em: 10 Março. 2018.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MIELKE, E. J. C. **Desenvolvimento turístico de base comunitária**. Campinas: Alínea, 2009.

MTUR. **Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública/Ministério do Turismo**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010

SILVA, E. P. S; FREITAS, L. B. A. **Perspectiva da metodologia de hierarquização de atrativos turísticos na “Rota dos coqueirais”**: O caso de Aracaju e Ilha Mem de Sá (Sergipe). Trabalho apresentado à disciplina Planejamento e Gestão de

Atrativos Turísticos no Mestrado Profissional em Turismo. Aracaju, IFS, 2017. No prelo.

SOUZA, C.S.; BRAGHINI, C.R.; ARAÚJO, L.F. Espaços de diálogo na comunidade para o Ecoturismo: a Ilha Mem de Sá, Itaporanga D'ajuda (SE). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.3, n.2, 2010, pp.235-248.

WEISSBACH, P. R. M. **Turismo no espaço rural**: ensaio de uma tipologia e outros conceitos. Curitiba, CRV, 2011.